

Governo repete as promessas que não cumpriu

“Brasileiras e brasileiros: (...) Este programa não é uma reedição modificada dos anteriores. Nas outras tentativas, não houve esta política fiscal, esta política monetária, que só ela é capaz de sustar o processo inflacionário, agora acompanhado, também, de uma política administrativa duríssima, que reduz a máquina estatal, numa lição insubstituível de exemplo.”

O tão prometido exemplo anunciado pelo presidente José Sarney em cadeia de rádio e TV, há exatos cinco meses, quando falou sobre as medidas do Plano Verão, não saiu do papel; ou melhor, não passou de Medida Provisória. Pelos menos 80 milhões de pessoas ouviram em um domingo de janeiro o presidente falar, com entusiasmo, do terceiro choque do seu governo. Agora, o mesmo discurso, com medidas idênticas, pode invadir os lares dos brasileiros e brasileiras.

Sem freio — Ao contrário dos outros dois planos, no choque do verão havia dois ingredientes novos: a demissão de funcionários públicos com menos de cinco anos de contratação e uma política monetária muito apertada. Os juros de fato ficaram muito elevados, mas tiveram o efeito de um bumerangue: em vez de colocarem um pé no freio na economia, geraram o efeito riqueza, isto é, os médios e grandes

poupadores multiplicaram os cruzados novos e embarcaram em uma onda de consumo, enquanto o congelamento não terminava.

As 90 mil demissões não aconteceram e os maiores responsáveis pelo rombo nas contas do governo, os subsídios e incentivos fiscais, que ultrapassam de longe a casa dos US\$ 10 bilhões anuais, permaneceram intocáveis.

“Quero comunicar ao Brasil que decretei um novo choque na economia. Todos os países com inflação galopante tiveram de tentar e repetir as tentativas, até dar certo. E deu certo”, insistiu José Sarney. E a profecia do presidente não se confirmou, a exemplo do que aconteceu alguns meses depois do anúncio dos Planos Cruzado e Bresser.

Sonegação — Mas o governo não acena apenas com corte de gastos públicos, elevação dos juros e mais um novo aperto dos salários. Agora vem à tona também o projeto de aumentar a fiscalização sobre as empresas para frear os conhecidos e elevados índices de sonegação fiscal. A ordem é colocar na rua o pessoal da Receita Federal, dando a entender, mais uma vez, que a fiscalização não costuma ser eficaz.

“Tudo passará. Mas ficará conosco apenas a lembrança de lutas árduas em que mais uma vez o Brasil, o nosso grande Brasil venceu”, encerrou Sarney o discurso de 35 minutos. Cinco meses depois, as promessas não foram cumpridas e o país está novamente sob ameaça de uma hiperinflação. E segundo os economistas em uma situação pior do que às vésperas do Plano Verão.